

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

**MARILISE DRANKA ROLLA**



DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

CURITIBA  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

**MARILISE DRANKA ROLLA**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): GISELLE CHRISTINA CORRÊA

CURITIBA  
2014

## DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

MARILISE DRANKA ROLLA\*

### RESUMO

Através deste trabalho de pesquisa, buscamos subsidiar uma reflexão sobre a urgência dos professores entenderem a normalidade no processo ensino-aprendizagem para que possam atuar com eficácia nos problemas a ele relacionados. Como também apontar a importância do diagnóstico precoce do aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem, estabelecendo o diferencial entre dificuldade de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem, em que observamos que há um número significativo de alunos nas Séries Finais da Educação Básica, fadados ao fracasso escolar visto não terem possibilidades didático-pedagógicas para que se alcance a aprendizagem mínima dos conteúdos básicos a que são submetidos no decorrer de sua vida escolar. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual através de um levantamento de dados com aplicação de questionários aos professores das Séries Finais do Ensino Fundamental, aos alunos e aos pais. Os dados analisados foram representados através gráficos.

**Palavras-Chave:** Dificuldade de aprendizagem. Distúrbios da Aprendizagem. Diagnóstico precoce. Diferentes olhares da prática docente.

## 1 INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem têm sido uns dos grandes desafios da educação brasileira. E para agravar ainda mais esse quadro, existem diversas opiniões muitas vezes conflitantes em relação às suas causas. Professores, médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos e outros especialistas não definem uma linha de pensamento que possa de fato favorecer e melhorar a aprendizagem desses alunos no contexto escolar.

A importância deste trabalho está em descobrir ou amenizar as aflições vivenciadas tanto por alunos e pais, quanto por professores e equipe pedagógica.

As dificuldades de aprendizagem não devem ser confundidas com **“distúrbios de aprendizagem”** – algo mais complexo – o qual exige encaminhamentos para especialistas, acompanhamento medicamentoso e outros.

A **“dificuldade de aprendizagem”** é algo menos complexo, mas não menos importante, visto que esses alunos não possuem laudos que apontem um diagnóstico do **“porquê do não aprender”**.

Entendemos que existem alunos que, por diversos motivos, não acompanham o que lhes é ensinado. Isso independe do nível de complexidade dos conteúdos ou da metodologia utilizada. Assim, muitos são os rótulos atribuídos a eles: alunos problema, preguiçosos, hiperativo, indisciplinados, entre outros.

Diante desses problemas abordados, percebemos que há um considerável número de alunos que não alcança o rendimento esperado em sua aprendizagem e muitos desses alunos perdem o interesse pela escola, desenvolvendo insegurança e baixa autoestima.

Nesse contexto, os objetivos da pesquisa são esclarecer o diferencial entre **“dificuldade”** e **“distúrbio”** de aprendizagem. Bem como identificar meios de diagnosticar precocemente as dificuldades de aprendizagem e analisar como estas vêm sendo trabalhadas no contexto escolar; verificar os principais problemas de aprendizagem enfrentados pelos alunos, professores e pais no contexto escolar; e suscitar reflexões sobre os diferentes olhares da prática docente e do fazer pedagógico, o que pode colaborar para a superação das dificuldades de aprendizagem.

Acreditamos que assim se pode contribuir de forma bastante significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem.

No desenvolver da pesquisa propomos operacionalizar uma prática pedagógica que reflita coletivamente sobre a proposta pedagógica das escolas, sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação com um enfoque ao ensino e aprendizagem e avaliação, visando garantir que todos os alunos aprendam.

Para tanto, iniciamos com um breve levantamento bibliográfico de pesquisas qualitativas na área, uma vez que cada aluno é um caso específico e, buscar uma solução das dificuldades de aprendizagem, requer a escolha de estratégias e atividades pedagógicas que deem sentido aos problemas identificados.

Em seguida, exporemos os três momentos imprescindíveis que dizem respeito à coleta de dados para a pesquisa. Esses momentos se referem: à pesquisa bibliográfica, à observação participativa, e à técnica de coleta de dados através de questionários. É no 3º momento que estabelecemos a problemática que nos propomos investigar neste artigo, com a análise dos dados coletados, com descrição explicativa das respostas e apresentação de gráficos.

## **2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Para esta revisão bibliográfica foram delineadas as especificações do tema da pesquisa a ser realizada, levando em conta a delimitação do tema aqui abordado “Dificuldade de aprendizagem no contexto escolar”.

Os documentos, textos, relatórios, artigos e pesquisa existentes foram selecionados e depois lidos, analisados e classificados conforme a relevância do assunto e em seguida foram coletadas as informações julgadas importantes para aqui registrá-las.

Considerando as teorias apresentadas com o intuito de explicar como se dá o processo de ensino-aprendizagem e sobre as dificuldades de aprendizagem, entendemos que cada pessoa é capaz de aprender. Porém, nota-se que cada

pessoa tem sua maneira e seu tempo para aprender, determinados pelas limitações individuais apresentadas.

Segundo Gardner (1994), “a Teoria das Inteligências Múltiplas” sugere abordagens de ensino que se adaptem às potencialidades individuais de cada aluno, assim como à modalidade pela qual todos podem aprender melhor.

Para o mesmo autor essa teoria está relacionada ao meio que a pessoa está inserida desde a sua infância, podendo haver um equilíbrio entre as três, ligadas à questões de aprendizagem ou como estas interagem com o mundo. Mas, geralmente, as pessoas se identificam apenas com uma das teorias abaixo descritas:

*Auditivo (ou linguístico)* – Aprende-se melhor através de uma estruturação verbal de palavras. As pessoas que são mais auditivas, respondem muito melhor a estímulos linguísticos.

*Visual* - Possui mais facilidade para compreender algo através de estímulos visuais. Ou seja, para ela é muito mais fácil compreender um gráfico do que uma sequência numérica.

*Cinestésica* – A facilidade do aprendizado é através da interação física com objetos. Para essas pessoas tanto a fala, como as imagens, podem fazer menos sentido do que uma interação pessoal.

Carvalho & Novo (2005) citam que o não considerar esses pressupostos é mais uma forma de “fadar” o aluno a um problema de aprendizagem maior ainda e, conseqüentemente, ao fracasso escolar.

O que podemos confirmar também com a teoria das autoras Gómez e Terán (2009, p. 95), é que uma criança com dificuldades de aprendizagem é aquela que não consegue aprender com os métodos com os quais aprendem a maioria das crianças, apesar de apresentar bases intelectuais apropriadas para a aprendizagem, seu rendimento escolar está abaixo de suas capacidades.

É preciso observar, conhecer e organizar a escola de forma que todos os rótulos sejam eliminados. Crianças com dificuldades de aprendizagem não são crianças incapazes, apenas apresentam alguma dificuldade para aprender, seu aprendizado é mais lento e ela necessita de atenção e acolhimento por parte dos seus professores.

Neste sentido, a escola precisa ser um lugar que possibilite a identificação das inteligências múltiplas dos alunos para adaptar metodologias mais eficazes

para o sucesso da aprendizagem. Repensar a escola com espaços que possibilitem a aprendizagem, não uma escola onde o aluno passe a maior parte do tempo reproduzindo conteúdos.

Para Freire (1996), é preciso pensar novas práticas pedagógicas, além de encontrar alternativas para que os alunos possam aprender através de estímulos diferenciados, possibilitando situações que resgatem a aprendizagem em sua totalidade de maneira prazerosa.

Para tanto, o educador deve rever seus conceitos enquanto professor, buscar capacitações que ampliem seus conhecimentos, favorecendo ações inovadoras e dinâmicas que possibilitem a superação das dificuldades de aprendizagem. Pois o professor deve estar comprometido com o processo de ensino aprendizagem, precisa ser um pesquisador, modificando sua prática sempre que houver necessidade ou quando deparar com novos desafios nesta arte tão complexa que é ensinar.

E como diz Freire (1996): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

Existem também outras teorias, como o Inatismo, o Empirismo, o Behaviorismo, o Construtivismo, o Interacionismo entre outras, que ao longo do percurso escolar servem de apoio no processo de aprendizagem. No entanto a escola precisa se modificar, transformar-se em um ambiente mais interessante, atrativo e acolhedor.

Para tanto, Rubinstein (2009, p.39) afirma que a aprendizagem é o processo pelo qual um sujeito, em sua interação com o meio, incorpora a informação oferecida por este, segundo suas necessidades e interesses, modificando sua conduta para aceitar novas propostas e realizar transformações inéditas no âmbito que o rodeia.

Há muito tempo se fala e se debate sobre as mudanças necessárias para que a escola seja de fato um ambiente diferenciado e que chame a atenção dos nossos alunos para a aprendizagem. No entanto, o ambiente chamado “escola” pouco mudou em meio a toda essa trajetória.

Retrocedendo um pouco na história da educação, por vários anos alunos que apresentavam dificuldade de aprendizagem eram encaminhados a especialidades distintas e se algo “fora da normalidade” fosse diagnosticado,

certamente a criança era encaminhada para escolas ou classes especiais, onde recebiam atendimento e ensino diferenciado. O que pouco solucionava os problemas apresentados pelas crianças, de acordo com Le Boulch (1988, p. 27).

E de acordo com Guerra (2002, p. 64) as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem não podem ser confundidas com crianças que apresentam quadros de deficiência, pois crianças com dificuldades de aprendizagem não são deficientes, não são incapazes, mas demonstram dificuldades para aprender. Os distúrbios de aprendizagem não devem ser confundidos com dificuldades de aprendizagem.

Nos dias atuais podem ser percebidos avanços significativos, devido às pesquisas nas áreas da Psicologia, Neurologia e Fonoaudiologia, o que diferencia e muito os encaminhamentos dado aos alunos com dificuldade de aprendizagem.

Os mesmos avanços são notados nas áreas da Psicopedagogia e Pedagogia, em que os profissionais repensam suas práticas, investigando mais profundamente a relação entre o ensinar e o aprender.

No entanto as coisas não são tão simples assim. Essa não é a realidade da maioria das escolas e dos alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem, que por sua vez acabam abandonando a escola, fadados ao fracasso escolar.

Nesse sentido, Sá (2005, p. 67) aponta que não são apenas as dificuldades de aprendizagem as causas do fracasso escolar, nele estão presentes as dificuldades de ensinagem, que muito contribuem para intensificar as dificuldades de aprendizagem.

Muitas vezes, alguns profissionais da educação buscam de alguma maneira se eximir de suas responsabilidades diante do fracasso escolar de seus alunos, tendem a procurar rótulos ou culpados para os resultados não satisfatórios apresentados em sala de aula, e por fim acabam apontando o meio familiar em que o aluno está inserido, como responsável.

Elencam desculpas e no entanto são incapazes de rever sua metodologia, dinamizar seus planejamentos, ou buscar saber o porquê aquele ou outro aluno não aprende. Não buscam capacitação para lidar com as situações adversas de sua turma.

Conforme Cortella (2009), precisamos ter humildade pedagógica, o que significa que não sabemos tudo o tempo todo. E para tanto é preciso ser um bom aprendiz, para ser um bom ensinante.

Concordamos com Libâneo (1994, p. 251), quando traz a questão da afetividade, facilitando e abrindo caminhos para a aprendizagem.

Dessa forma, o relacionamento baseado na afetividade torna-se um relacionamento produtivo, que quebra barreiras e faz com que o professor conheça o seu aluno, perceba seus anseios e descubra de que forma esse aluno aprende, conduzindo ambos para o conhecimento e tornando a relação entre os dois menos conflitante.

A autora Ciasca (2003) também cita a questão da afetividade dizendo que a dificuldade de aprendizagem não tem causa única, mas há uma conjugação de fatores que enfatizam os aspectos afetivos e emocionais.

Portanto, a dificuldade de aprendizagem é compreendida como uma forma peculiar e complexa de comportamentos que não se devem necessariamente a fatores orgânicos, e que é por isso, mais fácil de ser superada, dado os devidos encaminhamentos e as adaptações pedagógicas necessárias.

Sabemos que há hoje muito conhecimento acumulado, pesquisas e reflexões realizadas que podem auxiliar a prática docente ajudando a compreender seus alunos para melhor ensiná-los, no que se refere ao tema dificuldades de aprendizagem. Mas, também percebemos que na proposta de diversos autores, são utilizadas diferentes terminologias para se referir a um único tema. Na escola, a dificuldade de aprendizagem também recebe terminologias diversas, muitas vezes de forma inadequada, generalizando os problemas de aprendizagem nela existente.

Para tanto, se faz necessária a distinção entre os termos *dificuldades e distúrbios* de aprendizagem, pois o “distúrbio” tem causas neurológicas, enquanto a “dificuldade” está relacionada a questões pedagógicas, diferenças que merecem especial atenção, pois tanto um diagnóstico quanto o outro pode levar os alunos ao fracasso escolar. E esclarecer as definições dos termos, sem dúvida, favorece os encaminhamentos mais adequados a cada caso, minimizando os problemas, a eles relacionados.

Conforme Fonseca (1995), distúrbio de aprendizagem está relacionado a um grupo de dificuldades específicas e pontuais, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica. Já a dificuldade de aprendizagem é um termo mais global e abrangente com causas relacionadas ao sujeito que não aprende o que

lhe é ensinado, havendo a necessidade de adaptações pedagógicas para que a aprendizagem ocorra.

Para Strick e Smith (2001), os distúrbios de aprendizagem referem-se a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. As dificuldades são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas.

Já Ciasca e Rossini (2000) defendem que a dificuldade de aprendizagem é um déficit específico da atividade acadêmica, enquanto o distúrbio de aprendizagem é uma disfunção intrínseca da criança relacionada aos fatores neurológicos.

Souza (1996) afirma que as dificuldades de aprendizagem aparecem quando a prática pedagógica diverge das necessidades dos alunos, quando houve falha no processo da aprendizagem que originou o não aproveitamento escolar, mas também houve falha no ato de ensinar.

Para Gusmão (2001) este problema não se traduz como um problema inerente ao sujeito aprendiz no sentido de competências e potencialidades, mas também nos fatores e sua inter-relação, que envolvem direta ou indiretamente essa complexa tarefa de ensinar e aprender.

Diante de entendimentos diversos que envolvem o tema abordado, notamos que quanto mais precoce for feita a identificação das dificuldades de aprendizagem, maior será a probabilidade de o aluno ser inserido novamente no processo educacional com sucesso.

Sana (2005, p. 12) alerta, ainda, que quanto mais precocemente ocorrer o diagnóstico, tomando cuidado em respeitar o nível cognitivo da criança, menores serão os danos causados ao emocional, pois a autoestima da criança que não está conseguindo aprender vai diminuindo, podendo tornar-se agressiva, introspectiva ou ainda apresentar outros sintomas que nada mais são do que um pedido de socorro.

Neste sentido, a elaboração desta pesquisa colabora para subsidiar uma reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem e os problemas a ele relacionados. Como compreender as manifestações de alunos que apresentam dificuldades da aprendizagem no cotidiano escolar, a fim de proporcionar um ambiente acolhedor e favorável à superação das dificuldades de aprendizagem.

### **3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS**

Ao longo dos anos muitos estudos foram realizados na busca da compreensão do processo de aprendizagem. No entanto, os índices estatísticos denunciam que a qualidade e eficácia da educação brasileira, principalmente a pública, não atendem às expectativas de escolarização de qualidade. O que os índices estatísticos evidenciam é que o sistema de ensino não tem sido suficientemente eficaz para garantir a aprendizagem plena.

Grande parte dos alunos que frequentam a escola não consegue aprender o que lhes é ensinado, adquirir o mínimo dos conteúdos básicos exigidos pelo MEC, sendo esta uma das principais causas da repetência ou da evasão escolar.

Com interesse em aprofundar os conhecimentos teóricos e práticos sobre o tema “Dificuldade de Aprendizagem”, o local da pesquisa escolhido e destinado à realização desse estudo foi uma escola da Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná, localizada na área periférica da cidade de Curitiba, que atende cerca de 1500 alunos oriundos da região considerada com uma população de nível social médio-baixo. Essa escola desempenha suas funções há 12 anos e suas atividades estão voltadas para o Ensino Fundamental – anos finais (6º ao 9º ano) e Ensino Médio por Blocos.

As técnicas e instrumentos utilizados para coletar os dados da pesquisa foram: questionários estruturados com questões fechadas e abertas que, conforme Gil (1999), é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Também foi utilizada a observação como instrumento para coleta de dados, que segundo Gil (1999) é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.

Os questionários foram aplicados aos professores das séries finais do Ensino Fundamental e para os professores que atuam na Sala de Apoio à Aprendizagem, nas disciplinas de Português e Matemática; aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e aos pais desses alunos.

Os alunos do 6º ano foram escolhidos por termos observado, ao longo do ano anterior, a grande dificuldade que os mesmos apresentam ao irem das séries iniciais para as séries finais do Ensino Fundamental, também pela queixa constante dos professores em diagnosticar o grande número de alunos que apresenta dificuldade de aprendizagem, especificamente nessa série. Despertando assim o interesse em pesquisar o assunto e as causas a ela relacionadas, para que os encaminhamentos ou intervenções sejam aplicados o mais breve possível, minimizando assim as reprovações sem que esses alunos tenham recebido as atenções devidas.

O recorte no objeto de estudo contemplou, ainda, oito professores que atuam no 6º ano, nas disciplinas de Português, Matemática, Ciências, Geografia e História, visto o comprometimento desses professores com os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem e mais dois professores que atuam nas salas de apoio das disciplinas de Português e Matemática, visto conhecerem e vivenciarem diariamente as dificuldades de aprendizagem desses alunos, enfrentando o desafio da superação das dificuldades.

Foram selecionados para responder o questionário sessenta e oito alunos do 6º ano, diagnosticados com dificuldade de aprendizagem e acompanhados desde o início do ano letivo 2014. Também responderam o questionário, vinte e três pais/responsáveis dos alunos escolhidos. Os outros 45 questionários encaminhados para serem respondidos, não foram devolvidos pelos pais/responsáveis.

A análise dos dados teve início com a leitura dos Pareceres Finais desses alunos, referentes à conclusão das séries iniciais do Ensino Fundamental, quando verificamos que a maioria dos alunos “atingiram parcialmente” os conteúdos aplicados, significando que os mesmos apresentam defasagem no processo de ensino aprendizagem, o que dificulta acompanhar os conteúdos específicos do 6º ano.

Em seguida, foram analisados os dados coletados na aplicação dos questionários e pudemos constatar, a partir da percepção dos próprios professores, que estes entendem a necessidade de uma maior qualificação profissional para que possam fazer a distinção entre os termos *dificuldades* e *distúrbios* de aprendizagem no sentido de favorecer encaminhamentos e adaptar a sua prática, utilizando métodos adequados a cada caso sem impor rótulos a

alunos com dificuldade de aprendizagem. No entendimento desses mesmos professores, mostrou-se evidente a relevância de propiciar a troca de experiências, tanto com profissionais da mesma área, como com profissionais de formação distinta quando se fizer necessário: psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas e outros, tendo em vista que muitas vezes a formação básica não contempla conhecimentos necessários a um diagnóstico sobre as questões aqui levantadas e, portanto, em muitos casos, deixam de contribuir para um ambiente mais favorável à aprendizagem mais adequada aos alunos.

De acordo com o levantamento de dados, os professores acreditam que seria necessária a implantação de políticas públicas que possibilitassem a capacitação como caráter obrigatório a todos os profissionais da educação para igualar o nível de atendimento em sala de aula, no sentido de propiciar diagnósticos e adequação da prática docente igualitária a todos os alunos.

Outra questão respondida por todos os professores com igual resposta é que os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem, não tiveram atendimento adequado, ou deixou-se de fazer encaminhamento necessário para a superação dessas dificuldades nas primeiras séries escolares, o que seria de responsabilidade das escolas da Rede Municipal. E esses mesmos professores complementam:

“Os alunos chegam ao 6º ano semialfabetizados, com problemas de leitura, dificuldades na escrita e raciocínio lógico lento.”

Uma das professoras completa sua resposta dizendo:

“Isto é condição básica para que estes alunos tenham avançado de série, pois neste nível de escolaridade sanar estes problemas fica mais complicado, visto a demanda de conteúdo e metodologia de ensino diferente das séries iniciais. Em sala de aula fica quase impossível dar atenção diferenciada a estes alunos e por isto o encaminhamento a sala de apoio à aprendizagem.”

Desta forma, os professores demonstram extrema dificuldade em ensinar alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem, talvez por não dominar noções básicas do processo de alfabetização ou por falta de tempo, pois as turmas são compostas de trinta ou mais alunos, impossibilitando o atendimento individual, necessário aos alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem.

Somente com essas duas perguntas, percebemos que a superlotação das turmas é um agravante para que o professor não dê conta de auxiliar os alunos

com dificuldade de aprendizagem como deveria acontecer. Nesse sentido, são necessárias ações do governo em criar mais escolas e atender um pedido antigo que se vem cobrando há algum tempo: salas com menor número de alunos.

Outra situação abordada na pesquisa foi a participação da família dos alunos com dificuldade de aprendizagem. Pudemos perceber que a família, para essas professoras, é a causa da maioria dos problemas de aprendizagem. Uma professora respondeu como causa da dificuldade de aprendizagem: “As famílias são muito ausentes na vida escolar de seus filhos, não acompanham, não auxiliam nas tarefas de casa e só aparecem na escola quando são convocados.”.

Ou seja, na concepção dessa professora a família é tida como responsável pelo bom ou mau desempenho do aluno.

Cabe, nesse sentido, citar Gómez & Téran (2009) que embasam que o “Não Aprender” gera a “culpabilização” que ora tem como foco o aluno, ora o professor. A culpa exime da responsabilidade compartilhada que deve haver no processo ensino-aprendizagem. O professor ensina, mas quem aprende é o aluno.

Assim, é possível perceber o quanto é imprescindível ao professor conhecer a dificuldade de aprendizagem de seu aluno, seja por de observações constantes em sala de aula, conversando com os pais, ou via relatório de outros profissionais, se há efetivamente um problema na aprendizagem, para que o aluno não seja rotulado como preguiçoso, indisciplinado, desinteressado e outros.

Somente investigando a fundo o problema será possível levantar o verdadeiro motivo dessa não aprendizagem, o que contribui para a busca da solução para superação desse problema que aflige professores, pais e deixa nossos alunos com autoestima baixa.

Ainda de acordo com as professoras, quando lhes foi perguntado sobre as estratégias pedagógicas utilizadas no trabalho com os alunos com dificuldades de aprendizagem, todas as professoras responderam que quando possível usam do trabalho individual, adaptam atividades, mas geralmente buscam a orientação pedagógica. E, nos casos mais graves, solicitam que os pais busquem atendimento psicológico.

No entanto, Vygotsky (1984) destaca que a preocupação principal da pedagogia não deve ser de caráter médico, ou seja, não se deve colocar o suposto “defeito” em primeiro plano, mas sim o aprendizado. O autor afirma,

ainda, que na maioria das situações em que a criança é entendida como deficiente, não possui nenhuma alteração orgânica, mas sim, sofre de uma pobre estimulação.

Dessa forma, as estratégias pedagógicas, adaptações curriculares e estimulação para aprender, são instrumentos para desenvolver as competências e potencialidades dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento de uma aprendizagem ativa e autônoma sem necessidade de encaminhamentos a especialista ou encaminhamentos à salas de apoio.

Perguntamos também como acontece a avaliação desses alunos, e na análise dos resultados percebemos toda a complexidade do termo “avaliação”. As professoras responderam que é através de atribuição de “nota”, e complementaram que a grande maioria dos alunos em questão não consegue atingir a média para aprovação, mesmo repetindo as avaliações ou adaptando os conteúdos, então o aluno é levado ao Conselho de Classe que decide pela aprovação ou reprovação do mesmo.

Diante desse relato citamos Luckesi (2013):

De fato, as notas escolares, como elas são praticas hoje em nossas escolas, de todos os níveis de ensino, a meu ver, somente são prejudiciais à melhor qualidade do ensino-aprendizagem. Elas abrem uma “fresta” nas práticas pedagógicas, tanto sob a ótica do educador como do educando, no que se refere ao efetivo ensino e à efetiva aprendizagem.

Em relação aos pais que responderam aos questionários, as respostas foram unânimes em relatar que os filhos têm preguiça em aprender e não se mostram interessados com as tarefas escolares, e alguns completaram “mas dê um jogo de vídeo game para ver se não sabe jogar”.

Portanto vale ressaltar que:

[...] pelo fato de o jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças, em todo o lugar onde se consegue transformá-lo em iniciativa de leitura ou ortografia, observa-se que as crianças se apaixonam por essas ocupações antes tidas como maçantes. (WADSWORTH, 1977. p. 14-31)

Dois pais relataram que os filhos apresentaram problemas na escola, após a separação dos pais e que buscaram atendimento especializado (psicólogo). A

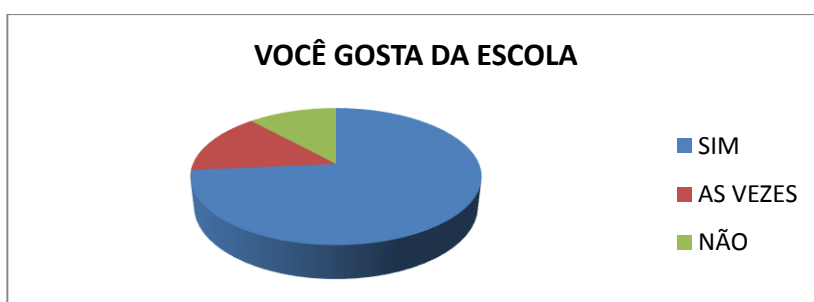
ausência de participação da vida escolar dos filhos por motivo dos horários de trabalho, o que impediria que houvesse tempo para auxiliar nas tarefas, ou ainda por desconhecer os conteúdos estudados pelos filhos, também foi relatado por outros pais.

Nesse mesmo questionário foi perguntado o que precisaria melhorar para que seus filhos superassem estes problemas de aprendizagem e tivessem resultados mais satisfatórios. As respostas foram diversas: o governo deveria proporcionar mais qualidade e investir em programas específicos, professores mais capacitados e a escola deveria cobrar mais interesse dos alunos.

A aplicação dos questionários com os alunos se iniciou pelo encaminhamento de um bilhete aos pais explicando a pesquisa e pedindo a autorização dos mesmos para a coleta de dados. Após o recebimento das autorizações, foram aplicados os questionários em um determinado momento pré-agendado com os professores de turma.

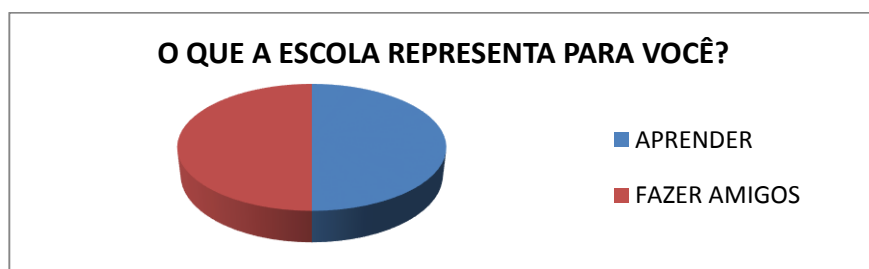
O questionário para os alunos foi organizado da seguinte maneira: com questões objetivas, podendo marcar mais de uma opção em algumas respostas. As questões tiveram o objetivo de indicar qual a relação que a escola tem na vida desses alunos, qual a relação professor-aluno, além de verificar em que áreas os principais problemas de aprendizagem aparecem, se nos conteúdos ou a metodologia.

Nos gráficos abaixo estão demonstradas as respostas coletadas na pesquisa realizada com os alunos:



Dos sessenta e oito alunos que participaram da pesquisa, 90% disseram que gostam da escola, 5% responderam que não gostam e outros 5% disseram que às vezes gostam da escola.

Na resposta seguinte, verificamos que para eles a escola é um lugar para aprender e fazer muitos amigos.



Aqui, perguntamos quando é mais prazeroso aprender, através de:



Nessa resposta, verificamos que o lúdico ainda está muito presente nessa faixa etária.

Podemos explicar esses dados através da teoria de Zabala (1998), que postula que a aprendizagem depende do tempo de cada aluno e se este apresenta limitações ou não, devemos levar em conta motivações e interesses individuais. Portanto, a forma mais adequada de ensino a ser utilizada tende a variar segundo as necessidades do aluno.

No entanto, não é necessário que todas as aulas se tornem lúdicas ou que todo conceito tenha uma aplicação prática, afinal, algumas concepções são teóricas e nem por isso perdem seu nível de importância.

Na pergunta seguinte, para 90% dos alunos quando o professor explica os conteúdos individualmente estes conseguem entender melhor e até realizam as tarefas sozinhos. Os demais só copiam do quadro e não conseguem realizar as tarefas sem auxílio.



No entanto, quando perguntamos acerca da aprendizagem dos conteúdos, percebemos que a dificuldade é mais preocupante. Neste gráfico percebemos claramente o nível de dificuldade dos alunos, visto não entenderem a explicação dos conteúdos passada pelo professor:



Fica claro que, muitas vezes, o que o professor explica para os alunos está tão longe da realidade deles que tudo é insignificante e se não houver uma aplicação prática, os alunos não irão aprender.

Os alunos também relataram que não tiram dúvidas com os professores por diversos motivos: vergonha, não saber como perguntar, medo de ser repreendido pelo professor ou ainda que seus colegas possam debochar de suas perguntas.

A relação-professor aluno pode levar a conflitos entre eles, dificultando ou até impossibilitando o diálogo entre os dois, o que notamos claramente nas respostas dos alunos, medo, vergonha de se expor ou de ser repreendido pelo professor. Pois sabemos que através da comunicação, reflexão e interação entre professor e aluno o processo de ensino aprendizagem acontece.

Tais atitudes demonstram o quanto esses alunos sentem-se inferiorizados, diferentes, rotulados e com baixa estima diante da sua turma.

Articulando os resultados com tudo que foi estudado para esta pesquisa, podemos dizer que não encontramos nada de novo nas respostas dadas tanto pelos professores como pelos alunos.

Segundo Saviani (2000) os professores priorizam a exposição e a assimilação dos conteúdos, uma representação de ensino correspondente a uma “tendência pedagógica tradicional”, priorizando a exposição e a assimilação dos conteúdos, pois o foco está em aprender, em saber fazer, caso contrário o aluno será considerado aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem com resultados de baixo rendimento.

Em síntese, os professores atribuem as causas da dificuldade a fatores que não dizem respeito a sua atuação. Entretanto, os alunos enfrentam as suas dificuldades de aprendizagem acreditando que são desinteressados e incapazes de aprender o que lhes é ensinado.

Os dados da pesquisa evidenciam que apesar de todos os estudos realizados em função das dificuldades de aprendizagem, a nota, valor atribuído ao aluno após suas avaliações, é ainda o que supõe a aprendizagem, como um produto final. Deixando de levar em conta o esforço, a participação, as limitações, o tempo durante o processo de aprendizagem, o professor precisa dela para justificar o que foi trabalhado, reafirmando uma concepção de educação tradicional.

Vale ressaltar que são necessárias mudanças na educação brasileira que há muito tempo está carente de transformações. Destacar o papel do professor é de extrema relevância para iniciar estas transformações, não somente para que pense seu fazer pedagógico, mas também para que repense sua postura ética e política frente ao processo educacional.

Também sabemos que isso significa que não é algo fácil de realizar, pois além de envolver novas políticas públicas, é necessário “o querer mudar” de cada envolvido neste processo de ensino aprendizagem.

A relevância do tema aqui abordado está na compreensão de que existe a necessidade da formação dos profissionais que precisam dominar conhecimentos específicos sobre as dificuldades de aprendizagem e a causa a ela relacionada.

Nessa perspectiva, é de fundamental importância uma abertura constante para o novo, para a construção de novas estratégias, novos percursos na busca de novas possibilidades, que favoreçam as dimensões afetivas e o rompimento

com práticas ultrapassadas diante de uma realidade educacional tão dinâmica e complexa que exige tanto dos professores quanto dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme Solé e Coll (2006) sobre não haver um “livro de receitas” para ensinar, há teorias que são instrumentos de análise e reflexão sobre como se ensina, como se aprende e enriquece a aprendizagem e o ensino.

Portanto, através desse trabalho de pesquisa, buscamos subsidiar uma reflexão sobre a urgência dos professores entenderem as diversidades no processo ensino-aprendizagem para que possam atuar com eficácia nos problemas a ele relacionados.

Embora não tenhamos descoberto nenhuma fórmula mágica para sanar os problemas de dificuldade de aprendizagem no contexto escolar, mas tão somente contextualizá-las no âmbito educacional e numa perspectiva de encontrarmos o caminho mais curto para a superação deste problema que aflige pais, professores, equipe pedagógica e alunos. Mas também sabemos que requer fundamentalmente do professor um olhar diversificado para seu planejamento, bem como para o currículo escolar que merece adaptações aos conteúdos e as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Para tanto, professores precisam de uma formação sólida, capaz de incluir esses alunos na sala de aula, atuando de forma afetuosa, de acordo com a necessidade de cada um, através de uma prática crítica-reflexiva e consciente das necessidades e desafios educacionais.

Cabe aqui uma frase de José e Coelho (1990, p. 131): “Se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela pode aprender.”

Essa frase pode ajudar a compreender que cada aluno, que cada ser humano é uma criação única. Que possui talentos, capacidades e maneiras diferentes de aprender.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Fernanda Antoniolio Hannes. NOVO, Magda Suzana. **Aprender como aprender: otimização da aprendizagem**, 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande. 2005. Disponível em: [repositorio.furg.br](http://repositorio.furg.br). Acesso em 20/05/2014.

CIASCA, Sylvia M. & ROSSINI, S.D.R. **Distúrbio de aprendizagem: mudanças ou não? Correlação de uma década de atendimento**. SP: Casa do Psicólogo, 2000.

CIASCA, Sylvia M. **Distúrbio de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar**. SP: Casa do Psicólogo, 2003.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Não nascemos prontos: Provocações Filosóficas**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FONSECA, Vitor. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á Pratica Educativa**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: A teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995, 257 p.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de Aprendizagem: Manual para pais e professores**. 1 ed. Rio de Janeiro: Grupo Cultural, 2009.

GUERRA, L.B. **A criança com dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

GUSMÃO, Bianca B. **Dificuldade de aprendizagem: um olhar crítico**. Pará: UAM, 2001.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

LE BOULCH, Jean. **Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar**. 2 ed. Tradução de Jeni Wolff. Porto Alegre: Artmed, 1988.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. – São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano, **Então como atribuir notas se esta é a prática em nossas escolas?** Salvador, 4 de julho de 2013. Disponível em: luckesi.blog.terra.com.br. Acesso em 15/05/2014.

RUBINSTEIN, Edith. **Em busca dos responsáveis: diante das dificuldades de aprendizado, um olhar mais aguçado sobre o sujeito na sua totalidade e complexidade**. In: CIÊNCIA & VIDA: psique edição especial. São Paulo: Escala, n.2, p.38-47, mar./abr. 2009.

RUBINSTEIN, Edith. (2003). **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SÁ, Márcia Souto Maior Mourão. **Introdução e psicopedagogia**. Curitiba: IESDE, v. 07, n. 10, p. 13-15, Abril. 2005.

SANA, Cristiane Cador. **Por que meu filho não aprende?** Blumenau SC: Eko, 2005.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**, 7ª. Ed. Campinas, Autores Associados, 2000.

SOLÉ, I. & COLL, C. **Os professores e a concepção construtivista**. In COLL, C. O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006.

SOUZA, Oralda Adur de; LUZ, Araci Asinelli. **Família e escola em rede de proteção**. Paraná: Base Sistema Educacional, 1996.

SMITH, Corine, STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. [trad. Dayse Batista] Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, U. R., A teoria das inteligências múltiplas e sua importância para auxiliar nos problemas de aprendizagem. **Jornal da Educação**, 20 de Janeiro, 2012. Disponível em: [jornaldaeducacao.inf.br](http://jornaldaeducacao.inf.br). Acesso em: 15/06/2014.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e afetividade na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1977.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: Como ensinar**. Porto Alegre, Artmed, 1998.